

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS DE LARANJEIRAS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA-DARQ

LUANA SILVA SANTOS

**O CAVALO COMO ICONOGRAFIA E PODER NA
ARQUEOLOGIA: AS MOEDAS DE CARTAGO**

LARANJEIRAS
2014/2

LUANA SILVA SANTOS

**O CAVALO COMO ICONOGRAFIA E PODER NA
ARQUEOLOGIA: AS MOEDAS DE CARTAGO**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Arqueologia do Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Arqueologia.

ORIENTADOR: PROF. DR. ALBÉRICO NOGUEIRA DE QUEIROZ

**LARANJEIRAS
2014/2**

LUANA SILVA SANTOS

**O CAVALO COMO ICONOGRAFIA E PODER NA
ARQUEOLOGIA: AS MOEDAS DE CARTAGO**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Arqueologia do Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Arqueologia.

Aprovação _____ de _____ de 20 _____

BANCA EXAMINADORA

Profº Drº Albérico Nogueira de Queiroz (Orientador) - DARQ/UFS

Profª Drª Olivia Alexandre de Carvalho - DARQ/UFS

Profª Drnª Verônica Maria Meneses Nunes - NMS/UFS

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, jamais poderia esquecer-me do Senhor dos Senhores: Deus. Sempre estivestes ao meu lado, nos pesares e nas fraquezas, entre as rosas e os espinhos, nas lutas e nas controvérsias; nas vitórias e nas derrotas. Obrigado por este presente que agora me ofereces. Obrigada por tudo que vi, ouvi e aprendi. Obrigada pela graça. Obrigada pela Vida!

Agradeço a minha mãe e ao meu pai por todo amor, carinho e compreensão a mim devotados, ao meu irmão Lucas Silva e em especial a minha irmã Layane Silva pela sua ternura e seu eterno amor, sempre.

Ao meu orientador Albérico Nogueira de Queiroz, pela compreensão e ensinamentos ofertados, que com muita paciência sempre esteve ao meu lado nas horas que precisava. Obrigada por ter acreditado em mim e agradeço também pelo jeito que dedicou seu tempo a me mostrar a Arqueologia, além de confiar nos meus sonhos e ajudar a trabalhar com que sempre foram inspiração para este trabalho, **os cavalos!**

À professora Olivia Carvalho pelos aprendizados durante e fora da sala de aula, e por sempre me fazer rir com seu jeito engraçado quando eu estava triste.

A todos os professores responsáveis em transmitir muito do que conquistei hoje. Meu muito obrigada: Márcia Barbosa, Móyses Siqueira, Emílio Fogaça, Paulo Jobim, Sueli Amâncio, José Roberto Pellini, Verônica Nunes, Maria Lúcia Pardi, Elaine Christian, Wagner Lemos.

As minhas amigas e irmãs Jane Viana e Márcia Melo pelos grandes momentos que passamos juntas, muito obrigada pelo que vocês fizeram e sempre fazem por mim. Estão sempre ao meu lado nas horas que mais preciso, não importa se somos o triângulo das bermudas ou a trindade, mais sim o que sentimos quando estamos juntas, são quatro anos de convivência que aprendi e refleti sobre vários momentos com vocês. Hoje estou aqui para dizer o quanto sou grata pela amizade de sempre. Espero participar das suas vidas eternamente!

Aos meus colegas de turma pela convivência e aprendizagem que passamos durante esse tempo na Academia.

RESUMO

Este estudo visa conhecer e compreender a importância dos animais na iconografia arqueológica, em particular o cavalo, tendo como estudo de caso sua representação nas moedas da Cartago (atualmente Túnis, Tunísia), com propósito de discorrer a respeito da trajetória de uma sociedade antiga, século IX (fundação da cidade) e durante as guerras púnicas (264 a 146 a.C), a qual passou por vários momentos de guerras, em que esses animais, além de representados iconograficamente, foram utilizados como um “instrumento bélico”, sendo decisivo em algumas batalhas. Assim, é possível entender os diversos contextos envolvendo esses animais a partir das histórias contadas dessas representações imagéticas contidas nas moedas.

Palavras-chave: Arqueologia, Cartago, Cavalos, Iconografia, Moedas.

ABSTRACT

This study aims to know and understand the importance of animals in archaeological iconography, particularly the horse, taking as a case study of its representation on the coins of Carthage (now Tunis, Tunisia), with the purpose of talking about the trajectory of an ancient society, on the ninth century (foundation of the city) and during the Punic Wars (264-146 BC), which went through several times of war, in which these animals, and represented iconographically, were used as an "instrument of war", being decisive in some battles. Thus, it is possible to understand the various contexts involving these animals from the stories of these imagnetic representations contained in the coins.

Keywords: Archaeology, Carthage, Horses, Iconography, Coins.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1- Mapa atual do continente africano em destaque a cidade de Tunis (antiga Cartago)
Fonte: Google Imagens. Acesso 16 de outubro. 2013.....19
- Figura 2 - Mapa atual da Tunísia Fonte: Google Imagens. Acesso 16 de outubro. 2013.....19
- Figura 3 - Mapa com a localização da cidade de Cartago Antiga (seta indicadora), com indicação dos territórios Cartagineses e Romanos. Disponível na internet <<http://pessoal.educacional.com.br>>. Acesso em: 16 de outubro. 2013.....20
- Figura 4 - Visualização da Antiga Cartago com as estratégias das rotas comerciais. Fonte: Google Imagens. Acesso em: 12 de março.2013.....21
- Figura 5- Visualização da Antiga Cartago, o homem voltado para o mar. Disponível na internet. <<http://historia-pitagoras.blogspot.com.br>>. Acesso em: 19 de outubro. 2013.....21
- Figura 6 - Imagem representativa da II Guerra Púnica travada entre Roma e Cartago (estratégias de Aníbal). Disponível em < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Aníbal> >. Acesso em: 10 de Dezembro. 2013.....24
- Figura 7- Representação Iconográfica da II guerra púnica, Aníbal sofre a traição dos seus soldados que se juntam às tropas Romanas. Fonte: Aymard e Auboyerr, 1956.....25
- Figura 8 - Síntese geográfica dos roteiros das conquistas de Cartago e de Roma nas I e II guerras e véspera da III guerra. Disponível em< <http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerras>>. Acesso em: 22 de abril. 2013.....27
- Figura 9 - Esboço do planejamento da cidade de Cartago. Fonte: Google Imagens. Acesso em: 11 de abril. 2013.....28
- Figura 10- Representação de ânforas, usadas no transporte de vinhos e azeites. Fonte: Google Imagens. Acesso em: 24 de agosto. 2013.....29
- Figura 11 - Imagem de Cisternas antes de virar ruínas, usadas como porões de alojamentos do pessoal local, celeiro e estábulos. Fonte: Google Imagens. Acesso em: 23 de fevereiro. 2013.....30
- Figura 12 - Localização do Sítio Arqueológico de Cartago. Fonte: Google Imagens. Acesso em: 4 de setembro.2013.....31
- Figura 13 - Imagem da ruína de Cartago que fora construída por bloco de arenito, com vista para o mediterrâneo. Disponível em.< <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cartago>>. Acesso em: 17 de outubro. 2013.....33
- Figura 14 - Imagem das ruínas da cidade de Cartago. Fonte: Google Imagens. Acesso em: 6 de março. 2013.....33

- Figura 15- Representação de mosaico, o cavalo em movimento. Fonte: Google Imagens. Acesso em: 12 de abril. 2013.....3
- Figura 16-Imagem de estruturas das ruínas da cidade de Cartago. Fonte: Google Imagens. Acesso em: 19 de fevereiro. 2013.....35
- Figura 17 - Túmulos no alto da colina de Cartago, com vista para a cidade. Fonte: Google Imagens. Acesso em: 23 de novembro. 2013.....36
- Figura 18 - Imagem de Tofets em ruínas na cidade de Cartago. Fonte: Google Imagens. Acesso em: 8 de abril. 2013.....37
- Figura 19- Imagem de Tofet representativo do símbolo da Deusa Tanit na cidade de Cartago. Fonte: Google Imagens. Acesso em: 17 de agosto. 2013.....38
- Figura 20 - Representação de inscrições em materiais de caráter epigráfico. Fonte: Google Imagens. Acesso em: 12 de agosto. 2013.....39
- Figura 21 - Escavação em Cartago por volta de 1860. Fonte: HURST, 1994.....40
- Figura 22 - Moeda de prata com peso de 6,6 g /MC, representando em seu anverso a imagem do busto de Aníbal e no reverso o cavalo estático em frente a uma palmeira. Fonte: Google Imagens. Acesso em: 8 de dezembro. 2013..... 41
- Figura 23 - Representação da importância do cavalo nas moedas de Cartago, o animal imperando no topo da pirâmide monetária. Fonte: Google Imagens. Acesso em: 12 de junho. 2013.....43
- Figura 24 - Tetradracma de prata- Oficina da Sicília- C. 320-306 a.C. – 17,10 g (Acquaro 1989 *apud* Kormikiari, 1999). Prótipo de Cavalo/Palmeira..... 46
- Figura 25 -Tetradracma de prata – Oficina da Sicília – C.350-340 a.C. -16,09 g (Acquaro 1989 *apud* Kormikiari, 1999).....47
- Figura 26 - Tetradracma de prata- Oficina da Sicília- c.300 a.C.- 16,90 g (Acquaro 1989 *apud* Kormikiari).....48
- Figura 27 - Tetradracma de prata – Oficina de Sicília c. 350 a.c – 17,05 g (Acquaro 1989 *apud* Kormikiari, 1999).....49
- Figura 28 - Tetradaracma de prata – Oficina de Sicília – c. 320-306 a.C. – 17,10 g (Acquaro 1989 *apud* Kormikiari 1999).....50
- Figura 29 - Tetradaracma de prata – Oficina de Sicília – c. 320-306 a.C. – 17,10 g (Acquaro 1989 *apud* Kormikiari, 1999).....51
- Figura 30 - Didracma de prata – Oficina de Cartago – início do século III a.C. – 7,57 g (Acquaro 1989 *apud* Kormikiari, 1999).....52
- Figura 31 - Eletro – Oficina de Cartago – c. 310-290 a.C. – 7,45 g (Acquaro 1989 *apud* Kormikiari, 1999).....53

Figura 32- I estatér e meio de ouro- Oficina de Cartago/ 270-260 a.C – 12,48 g (Jenking 1972 *apud* Kormikiari 1999).....54

Figura 33– Estatér de eletro – Oficina de Cartago/ 10,88 g (Jenkins 1972 *apud* Kormikiari 1999).....54

LISTA DE TABELA

Tabela 1- Síntese das Guerras e períodos que ocorreram em Cartago.....	26
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A.C – (a. C) Antes de Cristo

G – (g) Grama

INSAF – Instituto Salesiano de Filosofia

MC - Mal conservada

Mnhnt – (*Mnhnt*) O povo do Campo

UFS - Universidade Federal de Sergipe

UNESCO – United Nations Educational Scientific and Cultural Organization.
(Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1- ARQUEOLOGIA E ICONOGRAFIA NAS MOEDAS DE CARTAGO.....	15
2- CARTAGO E SUA HISTÓRIA.....	18
3- CARTAGO: PATRIMÔNIO MUNDIAL.....	28
4- METODOLOGIA E RESULTADOS: AS MOEDAS DE CARTAGO.....	42
4.1 O CAVALO NAS MOEDAS DE CARTAGO.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	58
GLOSSÁRIO.....	61
ANEXO 1.....	66
ANEXO 2.....	67
ANEXO 3.....	68

INTRODUÇÃO

Os estudos referentes à iconografia zoológica na Arqueologia brasileira ainda são muito representativos, devido à escassez de pesquisas relacionadas à temática, bem como, quanto à bibliografia. Pouco ainda é apresentado sobre o assunto.

O tema da pesquisa consiste em um estudo de caso, enfocando a representação iconográfica do cavalo nas moedas de Cartago (atual Tunis, Tunísia), no século IX (fundação da cidade) e durante as guerras púnicas (264 a 146 a.C), nos contextos os quais o cavalo está inserido, considerado um encurtador de distâncias e condutor de civilizações.

Acreditamos que este estudo poderá contribuir para obtenção de conhecimentos adicionais em relação à Zooarqueologia e, sobretudo, para impulsionar trabalhos iconográficos na Arqueologia Brasileira, já que como mencionado anteriormente, este tema ainda é pouco abordado no país.

Assim, conseguimos evidenciar na antiguidade até os dias atuais, a importância do cavalo em sua simbologia, como referência de força e poder para uma sociedade (CUNHA, 2004) . Tomando como base a temática em questão, o animal é representado na literatura investigada através de parâmetros emblemáticos, nas batalhas, na economia, na numismática e na religião.

Ainda assim, o cavalo não está presente apenas nos documentos escritos, mas compõe aqueles de cunho religioso (imagens representativas) ou até mesmo em narrativas mitológicas (ALARCÃO, 1995).

Apesar desta problemática existente na iconografia arqueológica brasileira, o cavalo é uma das figuras de maior representação imagética em outras regiões no decorrer dos séculos, conforme evidenciado na literatura sobre Cartago, colônia do norte da África no século V a.C (cunhagem das moedas), a qual comporá o corpo desse estudo monográfico.

O estudo sobre a iconografia na Arqueologia é sem dúvida importante para as pesquisas nesta área do conhecimento, pois retratam e impulsionam representações imagéticas que possuíram e até possuem relação com a sociedade, em diversos cenários.

Estruturalmente, esta monografia foi organizada em quatro capítulos: O primeiro tratará das questões norteadoras entre iconografia e Arqueologia, inserindo o cavalo como uma das representações principais nas moedas de Cartago. O segundo capítulo versará sobre a história de Cartago. No terceiro capítulo, Cartago como patrimônio mundial e as questões relativas à materialidade. O capítulo quatro conterà a metodologia aplicada e os resultados obtidos a partir desse estudo de caso sobre a representação iconográfica do cavalo nas moedas de Cartago.

E por fim, nas considerações finais, buscou-se sintetizar o grau de importância das representações dos cavalos e as razões pelas quais esses animais teriam sido cunhados nas moedas juntamente com as divindades e com símbolos da agricultura local (trigo e palmeiras=povo do campo), expressando todo o respeito e reconhecimento daquelas pessoas.

1 – ARQUEOLOGIA E ICONOGRAFIA NAS MOEDAS DE CARTAGO

Este estudo aborda um campo que transita entre a Zooarqueologia e a Iconografia, que é contada através de uma linguagem visual, representada e atribuída em um determinado tempo e contexto. Assim o estudo da iconografia é uma ponte de ligação entre o visual e o textual, onde observação e análise são fatores que contribuem sobre determinada arte, seja ela epigráfica, arquitetônica, pictórica ou fotográfica.

A palavra iconografia é derivada do grego “eikon” significando imagem e “graphia” que significa escrita, ou seja, “escrita da imagem”. Assim o termo é uma imediação com a linguagem visual que é atribuída a certo tema. Até meados do século XVI a iconografia era vista tão somente como atribuições de significados simbólicos para imagens religiosas, mas hoje contribuí para diversas áreas afins.

De acordo com Gallay (1986), iconografia agrupa o conjunto de signos que materializam o pensamento simbólico, principalmente as manifestações. Dessa forma a Arqueologia investiga através dos seus vestígios materiais, conceitos que contam com uma análise visual para representar um determinado tema, o qual será abordado no decorrer deste trabalho.

As moedas cunhadas com símbolos representativos de cavalos contam o relato da história de uma cidade que foi declarada como Patrimônio Mundial pela UNESCO, a mesma foi território de várias guerras, mas glorificada como sinônimo de poderio pelo aspecto de ser rodeada por muralhas protegendo suas riquezas, além de possuir o porto mais importante do Mediterrâneo.

A Arqueologia infere sobre o comportamento humano, e também sobre ideias, a partir de materiais remanescentes, resultantes do que as pessoas fizeram e usaram, e do impacto físico de sua presença no meio ambiente. A interpretação de dados arqueológicos

depende da compreensão de como seres humanos se comportam no presente e, em particular, de como esse comportamento se reflete na cultura material (TRIGGER, 2004).

A cultura material aqui representada neste trabalho, as moedas de Cartago, transmite uma comunicação através de símbolos iconográficos não verbais, que determinam um período ou fase de extrema importância para uma sociedade. A iconografia faz referência a partir do momento em que o receptor entende e codifica o que aquele determinado tipo de moeda tem a reproduzir através de sua imagem.

Assim, é através da comunicação entre a peça e a iconografia que conseguimos estabelecer um parâmetro sobre como estudar um determinado material. As moedas conduzem, por meio de anversos e reversos, a biografia de um povo que viveu entre religião, guerras e poder, e dessa forma, foram batidas (cunhadas) em muitos momentos, pedaços de metais sem alguma forma bem definida, com tamanhos variados de maneira representativa.

A simbologia cravada nas moedas começa determinando algo sobre aquela cunhagem produzida, com capacidade de comunicar uma representatividade entre o eu (artesão) e a materialidade em questão. No entanto, a maneira com que enfatizamos a cultura material na Arqueologia ressalta que aquele objeto pertenceu a um determinado tempo histórico, além da forma como foi feito, destacando inclusive, um momento de batalhas com derrotas e conquistas.

Segundo Funari e Carlan (2012), a moeda ultrapassava os limites geográficos do poder que a emitia e a definia em termos ideológicos, não só um povo, mas também a civilização a que este pertencia. O primeiro elemento usado, o metal, informava sobre a riqueza de um povo. Os outros dois elementos, tipo e legenda, diziam algo sobre a arte, ou seja, o maior ou menor aperfeiçoamento técnico usado no fabrico do numerário circulante, informando sobre o poder emissor e, sobretudo, sobre a ideologia político-religiosa que lhe

dava o corpo. Atuavam como um meio de propaganda, onde as representações, em seus anversos e reversos legitimavam seu poder.

Essas representações abrem espaços para a discussão do envolvimento da Arqueologia, em particular, a Zooarqueologia, buscando-se conhecer a importância das associações entre os humanos e a fauna no decorrer do tempo.

Desde sua domesticação e utilização como montaria pelos humanos, o cavalo tem contribuído para o desenvolvimento da humanidade, tendo sido estabelecida uma relação de domínio da nossa espécie sobre o animal, domando-o para sua necessidade do cotidiano. Um dos fatores dessa montaria seria a conquista de territórios, em que, ainda de forma um tanto simplória, o homem sentia-se seguro em estar e permanecer em seu dorso, aquele já imperava como um símbolo de poder e assim, sendo representado em vários contextos.

2- CARTAGO E SUA HISTÓRIA

A cidade de Cartago é considerada como um símbolo de antiguidade exótica. Localizada no Mediterrâneo Ocidental (Figuras 1 e 2) (atualmente Tunísia, Península do Golfo de Túnis), fez parte, geográfica e politicamente, do mesmo *continuum* histórico, que denominamos de Arcaico, Clássico e Helenístico, assim como Roma e as colônias gregas da Península Itálica, da Sicília e da Costa meridional da atual França.

Porém, sua geografia política, centralizada no continente africano, com áreas de influências sempre opostas, primeiro aos gregos, depois aos romanos, e sua população de etnia semita, produziram a ideia de exotismo e de diferenças, posicionando-a nas representações modernas em contraste às sociedades romana e grega, estas europeias, uma contraposição cuja normalização é ditada também em relação às margens do Mediterrâneo (SILVA, 2008).



Figura1- Mapa atual do continente africano em destaque a cidade de Tunis (antiga Cartago).
 Fonte: Google Imagens. Acesso em: 16 de outubro. 2013.



Figura 2- Mapa atual da Tunísia.
 Fonte: Google Imagens. Acesso em:
 16 de outubro. 2013.

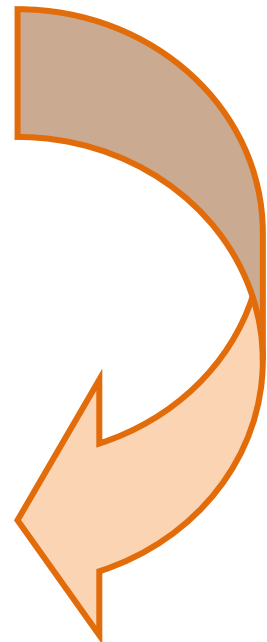




Figura 3 - Mapa com a localização da cidade de Cartago Antiga (seta indicadora), com indicação dos territórios Cartagineses e Romanos. Disponível na internet < <http://pessoal.educacional.com.br>>. Acesso em: 16 de outubro. 2013.

Dessa forma, vários períodos de guerras foram travados e ajudaram a cidade de Cartago a manter o poder no Mediterrâneo, já que havia o interesse em possibilitar e expandir a exploração das riquezas de metais da região. Assim, Cartago começa a emitir várias moedas com símbolos de cavalos. Em resumo, o significado do animal em sua história de guerras, visto que, este símbolo está presente em todas as cunhagens, muito frequentemente associado às Divindades.

Cartago estava posicionada de forma estratégica devido às suas rotas comerciais (Figura 4) e passou assim a exercer poder político sobre algumas partes do Mediterrâneo, controlando o comércio, já que sua economia estava baseada na exploração de minérios (atual região do Sul da Itália e Espanha). A cidade era rodeada por montanhas e de um lado

extremo estava localizado o mais importante porto do Mediterrâneo, motivo pelo qual Cartago adquiriu tanta influência econômica para a região (Figura 5).



Figura 4 - Visualização da Antiga Cartago com as estratégias das rotas comerciais. Fonte: Google Imagens. Acesso em: 12 de março. 2013.



Figura 5 - Visualização da Antiga Cartago, o homem voltado para o mar. Disponível na internet. <<http://historia-pitagoras.blogspot.com.br>>. Acesso em: 19 de outubro. 2013.

A Sicília, cidade que estava politicamente e geograficamente localizada nas proximidades de Cartago, e cidade a qual era explorada pela mesma devido às suas riquezas em metais, foi de extrema importância e contribuinte para vários séculos de história construída do cotidiano da cidade Púnica (própria Cartago). Quando Cartago começa emitir moedas no século V a.C, com intuito de custear ações militares, ocorre nesse momento, o início da circulação monetária e o conhecimento sobre variados tipos de moedas, as quais eram batidas (cunhadas) para fins políticos e econômicos, uma vez que as tropas de exércitos e mercenários deveriam ser pagos (SILVA,2008).

Com as moedas já emitidas, a cidade de Cartago decide então levar uma boa parte para circular na Sicília, primeira região dessa circulação, e depois na capital, Siracusa. A moeda de bronze na Sicília era utilizada como meio de troca entre povos locais da ilha e usada com a finalidade comercial nas cidades interiores.

Dessa forma, as guerras proporcionaram o crescimento das cidades e conseqüentemente das populações, além do aumento da escravidão, onde os escravos eram utilizados em varias práticas e funções distintas desde afazeres nas casas de quem detinham o poder (a elite), até as oficinas de cunhagem.

O início da primeira guerra púnica foi declarado através dos relatos em Mesina, atualmente conhecida como Sicília. Mesina possuía influência entre Cartago e Roma. Tudo começa quando Roma declarou estar sendo ameaçada por Cartago e assim, com esse argumento, inicia-se um desfecho para salvar Mesina dos mercenários Cartagineses.

Os romanos tiveram a iniciativa de dirigir-se à Sicília e apoiar os povos da região que estavam do seu lado, por sua vez, Cartago decide aliar-se ao rei de Siracusa, que acabou cercado a Sicília. Com todos os afrontamentos e várias negociações, os romanos deram início a um combate que acabou com a fuga da oposição e em seguida os cavaleiros romanos marcharam pela ilha próxima à Siracusa, como sinônimo de poder.

Dessa forma, várias cidades ficaram do lado romano e o rei de Siracusa decide aliar-se a Roma, resolvendo o problema de abastecimento de alimentos do exército. Os romanos, não se dando por vencidos ainda, decidem atacar mais uma vez e usar da sua frota bélica para derrotar os inimigos e cavaleiros, contudo, um dos comandantes, Xapinto, liderou um exército de cavalos e elefantes durante uma das batalhas. E ao final, apesar das perdas, os romanos conquistaram a Sardenha, a Sicília, a Gália Cisplatina, a Córsega e Cartago, que, mesmo sucumbindo aos romanos, manteve os pagamentos de tributos e a influência sobre a Itália, acabando por tomar posse das minas de prata no território que havia conquistado, a Hispania (GARRAFFONI, 2006).

A segunda Guerra púnica foi estabelecida e focada na missão de conquista de novos territórios de ambas as partes. Amílcar, general cartaginês, faleceu e foi substituído por Asdrúbal e em consequência do seu assassinato, o filho de Amílcar assume o poder, Aníbal.

Assim, Aníbal em vingança ao seu pai, conquista todo território da Ibéria. Os Cartagineses acabaram conquistando vários territórios e alguns dos seus objetivos foram a exploração de recursos minerais e comerciais, mas como os Cartagineses lideravam a Hispania, os romanos estavam insatisfeitos. Dessa forma, Aníbal decide seguir em frente e conquistar mais um espaço de terra, Saguntum (hoje atual Espanha, província de Salamanca, situada ao Norte de Portugal) e mais uma guerra é declarada pelos romanos aos Cartagineses.

Os romanos possuíam uma maior quantidade de soldados que os Cartagineses, que mesmo assim foram à luta, alguns povos se uniram à Cartago como os Hispânicos, Gauleses e Líbios. Aníbal, mesmo com poucos guerreiros, decidiu lutar e conseguiu ganhar a guerra graças aos seus homens e estratégias (montou barricadas de homens, usados como faixa de isolamento para que os romanos não os vencessem, além do uso de cavalos e de

outro animal muito maior, com o triplo de seu peso, o elefante) (Figuras 6 e 7). Mesmo depois de uma batalha sangrenta e da derrota os romanos ainda não cederam.

No entanto, enquanto Aníbal recomeça a conquistar territórios e a recuperar seus guerreiros, Roma ataca novamente e dessa vez vence, como consequência, a cidade de Cartago perde sua independência, passando a pagar vários tributos para seus adversários.



Figura 6 - Imagem representativa da II Guerra Púnica travada entre Roma e Cartago (estratégias de Aníbal). Disponível em < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Aníbal> >. Acesso em: 10 de Dezembro. 2013.



Figura 7 - Representação Iconográfica da II guerra púnica, Aníbal sofre a traição dos seus soldados que se juntam às tropas Romanas. Fonte: Aymard e Auboyerr, 1956.

De acordo com Funari e Carlan (2012), as representações de cavalos, cavaleiros e de carros de combate são atributos de autoridade e poder. A figura do cavaleiro exercia fascínio no imaginário das culturas mediterrâneas. O cavaleiro armado, subjuguando o inimigo caído, caracterizava um símbolo natural de vitória e constitui um esquema iconográfico.

A terceira guerra púnica foi marcada pelos pesados tributos pagos pelos Cartagineses à Roma, além da perda de recursos e novos ataques pelos povos aliados dos seus adversários; mesmo Cartago tendo sido derrotada, batalhou e tentou sua reestruturação econômica. Porém, os aliados de Roma queriam a destruição de Cartago, decidiram então investigar o território e observaram que a cidade ainda representava perigo, então decidiram por destruí-la.

Um pretexto deveria ser criado para uma nova guerra, e como os Cartagineses não poderiam se armar sem autorização de Roma, o exército Romano vai até a África e foi decretado que o povo de Cartago deveria sair da cidade, pois a mesma iria ser destruída. A rendição foi estabelecida e o pedido de desarme foi realizado. Mas Cartago não se rendeu e começou a montar estratégias para que a invasão não ocorresse. Como a cidade era cercada de muralhas, isso fez com que a invasão fosse retardada, mas a população de Cartago estava sendo cercada e como os Cartagineses não se retiravam, começaram a entrar em colapso devido à falta de alimentos. Por fim, a população resiste dentro das muralhas por três anos, mas foi invadida e Roma restabelece seu poder e domínio pelo Mediterrâneo (Tabela 1).

GUERRAS	INÍCIO	FIM
1ª Guerra Púnica	Começa em 264 a.C	Estende-se até 241 a. C
2ª Guerra Púnica	Começa em 218 a.C	Estende-se até 201 a.C
3ª Guerra Púnica	Começa em 149 a.C	Estende-se até 146 a.C, ocorrendo neste mesmo ano sua destruição.

Tabela1- Síntese das Guerras Púnicas (= Guerras de Cartago) e períodos que ocorreram em Cartago.



Figura 8 - Síntese geográfica dos roteiros das conquistas de Cartago e de Roma nas I e II guerras e véspera da III guerra. Disponível em < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerras>>. Acesso em: 22 de abril. 2013.

Com a destruição de Cartago em 146 a.C, e em vista de possuir várias destruições dos materiais arqueológicos, em 1970 Cartago foi declarada Patrimônio Mundial pela UNESCO; em 1985 alguns hectares do sítio arqueológico foram protegidos e por fim, em 1991, a área foi transformada em Parque Arqueológico de Cartago, aberto para visitação.

3 - CARTAGO: PATRIMÔNIO MUNDIAL

A cidade foi, provavelmente desde o início, planejada e cercada por muralhas possantes, com áreas selecionadas no espaço urbano para funções específicas, portos, fortaleza, santuários, comércio, artesanato, habitações e necrópoles, modelos que aparentemente, outras cidades semitas das regiões costeiras do Mediterrâneo Ocidental adotaram (FANTAR, 1990 *apud* SILVA, 2008) (Figura 9).

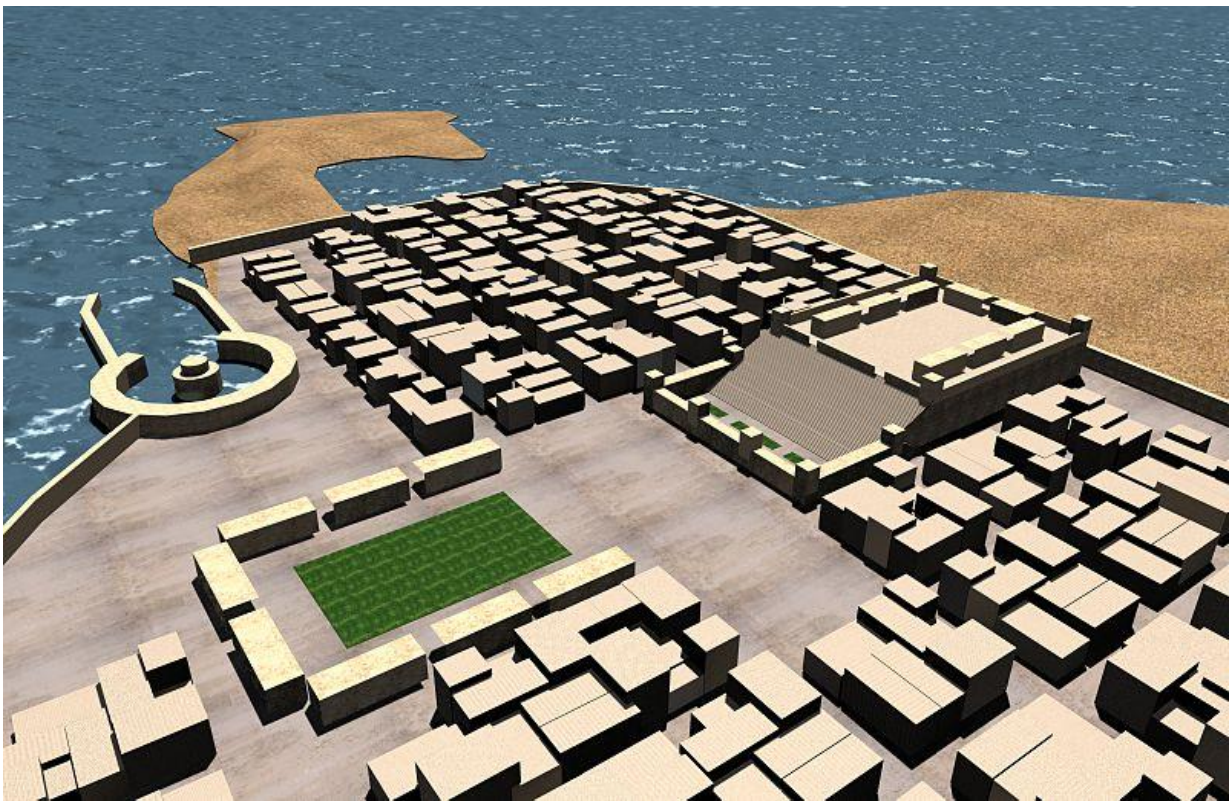


Figura 9 - Esboço do planejamento da cidade de Cartago. Fonte: Google Imagens. Acesso em: 11 de abril. 2013.

Como referencial arqueológico, a cidade importou diversos materiais e em grandes quantidades, tais como, ânforas comerciais que se destacam durante o século V a.C, demonstrando suas relações de trocas com cidades próximas do Mediterrâneo. Essas eram

utilizadas muito provavelmente para o armazenamento de vinhos e azeites, produzidos em diferentes regiões, cujo sabor era adocicado e por esse motivo foi muito apreciado. Quanto à destruição produtiva das mesmas, conforme historicamente constatado, foram descobertas em Cartago e em vários sítios arqueológicos da costa Norte da África (Figura 10).



Figura 10 – Representação de ânforas, usadas no transporte de vinhos e azeites. Fonte: Google Imagens. Acesso em: 24 de agosto. 2013.

As ânforas foram bastante utilizadas no decorrer de vários períodos da história da cidade de Cartago, algumas eram decoradas e possuíam até verniz negro para indicar um maior grau de importância e por esse motivo eram sugeridas em exclusividade para

clientes importantes da cidade púnica, esses eram os comerciantes que mais tinham poder na região do Mediterrâneo, que também faziam trocas por outros produtos (WARMINGTON, 1983).

Dessa forma as ânforas mais simples eram utilizadas para o transporte de água e guardadas com segurança nas cisternas, essas que durante alguns períodos serviam tanto de armazenamento de ânforas, celeiros, porões que agrupavam e até viviam pessoas locais, além de lugar seguro para guardar os cavalos, servindo de estábulos (Figura 11).



Figura 11 - Imagem de Cisternas antes de virar ruínas, usadas como porões de alojamentos do pessoal local, celeiro e estábulos. Fonte: Google Imagens. Acesso em 23 de fevereiro. 2013.

Na área arqueológica, além de ânforas também foram encontrados vários outros objetos que faziam parte da cultura dos Cartagineses (WARMINGTON, 2010) (Figura 12).

**Sítio Arqueológico da
cidade de Cartago.**



Figura 12 – Localização do Sítio Arqueológico de Cartago. Fonte: Google Imagens. Acesso em: 4 de setembro. 2013.

Cartago é o sítio arqueológico do Mediterrâneo Ocidental que demonstra a maior diversidade no fluxo comercial, desde o século VII até sua destruição em 146 a.C. No que concerne ao comércio, é o sítio africano onde mais se encontram ânforas (séculos VII a IV a.C), que transportavam, provavelmente, azeite (MOREL, 1990 *apud* SILVA, 2008).

Os vestígios materiais é o que nos permite estudar e compreender como era aquela sociedade e o seu desenvolvimento, seja ele no aspecto econômico, político, social, cultural ou religioso. Por fim, nos seus últimos anos de existência, a cidade ainda possuía a capacidade de se expandir em relação à reforma de seus portos, o qual foi considerado símbolo de sua antiguidade e sua maior razão de desenvolvimento.

O porto foi construído com o mesmo material das muralhas da cidade, blocos de arenito revestidos de estuque branco (Figuras 13 e 14), existindo evidências de que a pavimentação dos corredores entre os estaleiros era composta por mosaicos (Figura 15). Os fragmentos das arquitraves decoradas da muralha em frente aos portos corroboram a espetacularidade do desenvolvimento e o vigor econômico da cidade no final de sua história (HURST, 1994 *apud* SILVA, 2008).

Os púnicos adotavam na cidade vários monumentos com caracterização arquitetônica de ordens iguais para representar em mosaicos um pouco da sua cotidianidade, como foi mostrado nas figuras abaixo; a decoração das paredes e pisos demonstraram o desenvolvimento da cidade, além da exuberância. Os cavalos faziam parte do seu povo e de sua cultura (Figura 15), por isso, ele foi bastante retratado em vários momentos da sua narrativa histórica.



Figura 13 - Imagem das ruínas de Cartago, as quais foram construídas por blocos de arenito, com vista para o Mediterrâneo. Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cartago>>. Acesso em: 17 de outubro. 2013.



Figura 14 - Imagem das ruínas da cidade de Cartago. Fonte: Google Imagens. Acesso em: 6 de março. 2013.



Figura 15 – Representação de mosaico, o cavalo em movimento. Fonte: Google Imagens. Acesso em: 12 de abril. 2013.

A população de Cartago era especializada e reconhecida como grandes artesãos desde as cunhagens de moedas a mosaicos. Com todas essas habilidades eles conseguiam trocar com facilidade seus produtos, toda essa comprovação foi feita durante as escavações no século XIX, possibilitando assim conhecimento de povos desenvolvidos em atividades de artesanato. Os materiais arqueológicos encontrados eram de categorias diversas: cerâmicas, amuletos, joias, peças de marfim, ossos humanos e de animais, além das moedas (SILVA, 2008).

Essa caracterização cultural de artesãos parece propor a arte como desenvolvimento, trazendo para aquela cidadela formas de comercializar suas mercadorias e adquirir novos produtos. Dessa forma, remetia a processos de produção de identidade e de características culturais, já que detinham um espaço na sociedade para aprimorar suas construções.

Assim, a dimensão espacial não pode ser dissociada da temporal, logo são submetidas a processos de cogitações sobre o dizer como e o fazer. Os cartagineses

artesãos aprendiam e repassavam seus conhecimentos de geração em geração, formando uma caracterização de identidade e poder entre seus povos.



Figura 16 – Imagem de estruturas das ruínas da cidade de Cartago. Fonte: Google Imagens. Acesso em: 19 de fevereiro. 2013.

Na região também foram encontradas ossadas humanas sob-blocos de pedra, testemunhas do morticínio, atestado pelas fontes literárias, que se seguiu à invasão da cidade pelos romanos. Outro testemunho da matança são as centenas de esqueletos de homens e mulheres enterrados em valas comuns e encontrados por escavações realizadas na década de 1920(LANCELOTTI, 1992 *apud* SILVA, 2008).

É importante notar que em vários momentos os sacrifícios eram inevitáveis, já que eram praticados em tempos de calamidade com intuito de acalmar os Deuses, mas segundo algumas análises, fetos mortos eram comuns, além de animais associados aos mesmos. Os sacrifícios foram considerados atos simbólicos e purificadores de transparência da infância para o universo adulto (Figura 17).



Figura 17 – Túmulos no alto da colina de Cartago, com vista para a cidade. Foto tirada por volta de 1899. Fonte: Google Imagens. Acesso em: 23 de novembro. 2013.

Assim faz-se necessário ressaltar que a descoberta dos sítios sagrados do ocidente mediterrânico, contendo urnas com ossos queimados de crianças, levou à sua associação com as menções bíblicas ao Tofet, (MOSCATI, 1992 *apud* SILVA, 2008).

Os Tofets eram associados e identificados como um local de sacrifícios de crianças, imoladas pelo fogo e seu corpo oferecido como sinal de sacrifício para um Deus

considerado dono de todas as forças e de alcance à fecundidade da terra com a troca da vida após a morte. A religiosidade na maioria das vezes estava acima de qualquer coisa para a população da cidade púnica, e essas oferendas não eram considerados sacrifícios e sim um ato de purificação da alma, ou seja, futuramente uma elevação de melhoria da vida terrena (Figura 18).



Figura 18 – Imagem de Tofets em ruínas na cidade de Cartago. Fonte: Google Imagens. Acesso em: 8 de abril. 2013.

Em vários Tofets eram feitas inscrições que representavam os Deuses importantes para aquela sociedade, como por exemplo, a Deusa Tanit, considerada mãe para os cartagineses, pois ela possuía o espírito da lua, do sol e que abria caminhos para a fertilidade, por esse motivo era bastante representada na cidade inteira. A sua imagem e

inscrições foi representada em pedras, nas paredes das muralhas e em moedas juntamente com os cavalos (Figura 19).

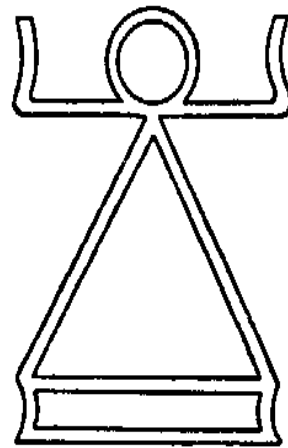


Figura 19 – Imagem de Tofet representativo do símbolo da Deusa Tanit na cidade de Cartago.
Fonte: Google Imagens. Acesso em: 17 de agosto. 2013.

De acordo com Kormikiari (1999), as fontes escritas diretas disponíveis sobre a Deusa Tanit são todas de caráter epigráfico. São mais de 6.000 inscrições gravadas em materiais duros (pedra, metal, marfim, osso e cerâmica). Apesar de serem repetitivas, em virtude do seu caráter majoritariamente religioso, são fontes preciosas de informação, especialmente para nomear e referenciar à história interna, cotidiana de Cartago e das outras cidades vizinhas (Anexos 1 a 3).

Diversos Tofets com inscrições foram descobertos durante as escavações, alguns estavam soterrados, mas possuíam vários metros de altura e pesavam toneladas. Eram

comuns em materiais duros e suas escritas revelavam ensinamentos de uma cultura de povos que viviam no local, eram esculpidas não somente inscrições, mas também desenhos de Deuses, animais, crianças e múltiplos tipos de figuras representativas na narrativa da cidade (Figura 20).



Figura 20– Representação de inscrições em materiais de caráter epigráfico. Fonte: Google Imagens. Acesso em: 12 de agosto. 2013.

Segundo Silva (2008), várias publicações sobre a arqueologia de Cartago estão hoje aumentando o fluxo sobre o conhecimento da história cartaginesa e das suas relações com os Estados contemporâneos. Além da importância de sociedades antigas, principalmente aquelas cujas informações nas fontes primárias escritas são poucas, dados arqueológicos

são fundamentais para a reconstrução histórica, onde áreas escavadas contam um pouco sobre alguns momentos seculares (Figura 21).

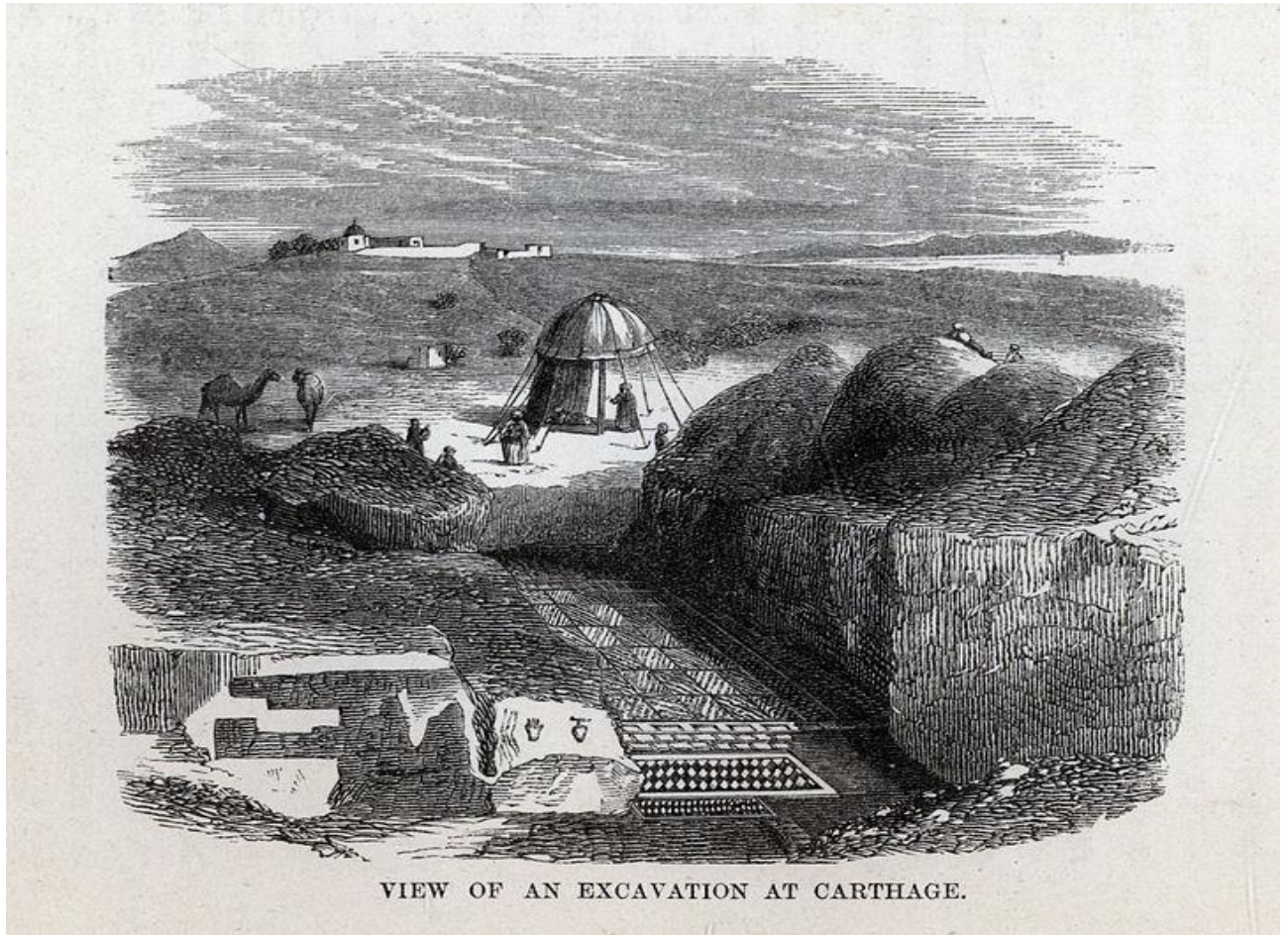


Figura 21 - Escavação em Cartago por volta de 1860. Fonte: HURST, 1994.

As escavações em Cartago evidenciaram vários momentos importantes para os pesquisadores que faziam parte da equipe (HURST, 1994). Foram descobertas grandes quantidades de materiais arqueológicos que permitiram algumas reconstituições da sociedade Cartaginesa, ânforas eram comuns, além de vários fetos e animais associados, como cavalos, já que eram animais usados em atividades cotidianas, além de suas representações em moedas, o denotava sua ampla contextualização naquela sociedade.

Um exemplo desse contexto é representado pelas moedas batidas (Figura 22) durante o contexto da 2ª guerra púnica, onde Aníbal impulsiona e treina as tropas

cartaginesas para assumir o exército no lugar de Asdrúbal. Aníbal conquista a cidade de Sagunto e como honraria, foi representado como sinônimo de poder juntamente com o cavalo, adquirindo prestígio pelos cartagineses através das suas estratégias de batalhas, as quais são utilizadas até os dias atuais (GARRAFFONI, 2006). Ele acabou perdendo essa 2ª guerra púnica, mais fora legitimado durante vários períodos como um homem que lutou contra Roma, um dos maiores exércitos daquele período. A moeda com sua efígie foi utilizada como símbolo propagandístico durante vários séculos.



Figura 22 - Moeda de prata com peso de 6,6 g/MC, representando em seu anverso a imagem em perfil de Aníbal e no reverso o cavalo estático em frente a uma palmeira. Fonte: Google Imagens. Acesso em: 8 de dezembro. 2013.

4 – AS MOEDAS DE CARTAGO

4.1. O CAVALO NAS MOEDAS DE CARTAGO

Segundo Funari e Carlan (2012), “a moeda surgiu, portanto, com um pedaço de metal com marca impressa, um selo, com referência à autoridade política que garantia o valor. Esta referência política costuma dar-se tanto pela imagem como pela inscrita, como na famosa passagem do Evangelho de Mateus, em que Jesus é questionado sobre o pagamento de tributos a Roma:

“Mostrai-me a moeda do imposto”. Apresentaram-lhe um drenário. Disse ele: ‘De quem é esta imagem e inscrição?’ Responderam: ‘De César’. Então lhes disse: “Devolvei, pois, a César o que é de César e a Deus, o que é de Deus” (Mateus, 22, 19-21), (Bíblia, 2010)”.

É interessante a observação dos símbolos e suas representações, pois implicam em variados fatores, podendo desta forma ser levados por opiniões de autores diferentes e que divergem entre si para chegar a uma conclusão do que significa aquele determinado símbolo representativo. Um exemplo levado em consideração são as moedas de Cartago, onde sua emissão possuía uma relação com as atividades político-militares, e era utilizada como base para alguns povos que a adotaram, além de tudo, caracterizava uma economia monetária ao longo de sua história.

Assim, tendo uma forte contribuição para o transporte e conquistas de batalhas perante longos períodos da existência do homem na terra, o animal também apresenta sua imponência em relação à economia de um determinado território, como a representação de várias emissões de moedas e cunhagem de poder iconográfico exorbitante durante vários séculos.

O cavalo foi representado no universo monetário com certa assiduidade por diversas cidades, tanto do Ocidente como do Oriente, revelando variados séculos de histórias

construídas. No século V a.C várias cidades e reinos começaram a emitir moedas, um forte exemplo foi Cartago, pois precisavam delas para custear as ações militares na Sicília (Figura 23).



Figura 23 - Representação da importância do cavalo nas moedas de Cartago, o animal imperando no topo da pirâmide monetária. Fonte: Google Imagens. Acesso em: 12 de junho. 2013.

Nas variações de moedas que foram emitidas o cavalo foi representado de várias formas: empinando, galopando, por inteiro, com a cabeça voltada para trás, dando passos com as pernas dianteiras. Todas essas emblemáticas apresentam histórias que vem sendo contadas através de representações iconográficas.

Portanto, a história de Cartago foi representada de acordo com as fontes textuais e o relato de um registro, uma descoberta que significou a fundação da cidade e que estava denominando um marco para a sua história (BAYET, 1941), uma cabeça de cavalo, que

propiciou o desenvolvimento e a construção da história, além do emblema de um povo guerreiro e poderoso, com repercussão em tudo o que ocorreu no território.

A partir da ideia de poder e beligerância trazida pela imagem do cavalo revelada pelos textos, acreditou-se então que este animal havia sido escolhido como símbolo da cidade e por isso teria sido empregado na iconografia monetária (Jenkins & Lewis 1963).

A primeira emissão de moedas em Cartago data de 410-390 a.C (Jenkins 1974), mas poucos anos depois, Cartago (parte ocidental) e Sicília (parte oriental), no século IV a.C, já estavam cunhando novas moedas em bronze. O anverso dessa série traz sempre a imagem de uma cabeça feminina, tendo o cabelo enfeitado com dois grãos de trigo, assim sendo caracterizada como “Coré” (Forma Latina, que significa “moça virgem” e em outros dialetos também conhecida como Perséfone, Deusa das ervas, flores, frutos e perfumes e seu ritual era muito usado na Sicília, ela conduzia os funerais e todos os que morressem, teriam que passar pelo ritual, onde a divindade cortava o fio de cabelo do cadáver, que os ligava à vida). Por sua vez, a Deusa “Tanit” era considerada a grande Deusa de Cartago, também do sol, da lua e mãe, sendo invocada para a fertilidade.

Desta forma, até meados do século IV a.C (Acquaro 1989 *apud* Kormikiari 1999), Cartago irá emitir moedas tanto em suas oficinas da Sicília quanto da própria Cartago (com o objetivo de pagar as tropas do exército mercenário na Sicília). As peças apresentavam as seguintes imagens: Prótomo de Cavalo/Palmeira; Prótomo de Cavalo com Arreios; Cavalo Galopando; Deusa Niké Coroada (que personificava a vitória, sendo representada por uma mulher alada, com guirlanda e caduceu/palmeira).

No reverso da moeda sempre era cunhado o cavalo juntamente com a palmeira, já que este vegetal também era um grande símbolo emblemático da cidade de Cartago. A cidade

possuía uma fabulosa riqueza, apresentando construções importantes, como o porto, além de riquezas naturais.

O cavalo também foi observado e usado como afirmação e fervor na religião e na autonomia da cidade, as imagens batidas nas moedas, sejam elas de prata, metal ou eletro, circulavam como motivos de poderio e que se assemelhavam a importância da religiosidade seguida pelo povo de Cartago.

O prótomo de prata (Figura 24) é representado no reverso, o animal era simbolizado pela sua exuberância refletida nos exércitos cartagineses e pela sua habilidade, já que a cavalaria era bastante temida durante as batalhas travadas, a maneira como a crina, pescoço e boca eram representados, acabavam mostrando a sua velocidade em combates.

A imagem batida em perfil era considerada como sinônimo de força e robustez. Nas oficinas da época a maioria dos animais era cravada no metal e em outros materiais da mesma forma, em perfil, busto e por inteiro, representando na maioria das vezes a sua função de destaque como um selo propagandístico daquele período.



Figura 24 - Tetradracma de prata- Oficina da Sicília- C. 320-306 a.C – 17,10 g (Acquaro, 1989 *apud* Kormikiari, 1999). Prótomo de Cavalo/Palmeira. Fonte: Kormikiari, 1999.

Assim, na metade do século IV a.C, a oficina monetária de Cartago encontrava-se funcionando sistematicamente. Ela produzia peças em ouro e eletro (Acquarus 1989), que mais uma vez possui como iconografia o cavalo. Do mesmo modo, temos dois tipos de moeda: o primeiro traz no anverso a cabeça de Coré com grão enfeitando o penteado e no reverso o cavalo parado em pé com toda sua imponência e poderio sendo mostrado através do seu posicionamento estático e com a cabeça erguida na cunhagem da moeda (Figura 25).



Figura 25 -Tetradracma de prata – Oficina da Sicília – C.350-340 a.C. -16,09 g (Acquaro, 1989 *apud* Kormikiari, 1999. Fonte: Kormikiari,1999.

Em 32 a.C, até o final deste século, novas emissões de moedas em prata trazendo o cavalo são cunhadas na Sicília (Manfredi 1991 e Acquaro, 1989 *apud* Kormikiari,1999), cabeça de Coré rodeada de golfinhos no anverso , e no reverso, a imagem do prótomo de um cavalo, além de ser observado também, atrás da sua crina, uma palmeira com frutos. Essas duas imagens em uma mesma moeda é a figura mais utilizada e representativa nas cunhagens púnicas.

Na maioria das vezes os golfinhos são substituídos por grãos de trigo como ocorre com as peças de prata (Figura 26), o que poderia suscitar uma investigação posterior sobre este tema. Já o reverso desta peça traz o cavalo nas mais variadas representações, em frente,

uma vez mais de uma palmeira (árvore encontrada no norte da África), tendo sido representada nas moedas durante todo contexto da história de Cartago.



Figura 26 - Tetradracma de prata- Oficina da Sicília- c.300 a.C.- 16,90 g (Acquaro, 1989 *apud* Kormikiari. Fonte: Kormikiari ,1999.

A partir da metade do século IV a.C (Acquaro , *apud* Kormikiari, 1999), novas emissões de prata entram em circulação na Sicília. Todas possuem em seu anverso a cabeça feminina de Coré. Esta figura aparece eventualmente rodeada de golfinhos, seguindo assim, a iconografia das moedas de Siracusa, a imagem do cavalo no reverso aparece com uma palmeira no fundo com frutos, além da posição do cavalo mostrar a idéia de poder, com a cabeça sinuosa e passos para frente com intenção proposital de partida (Figura 27).



Figura 27 - Tetradracma de prata – Oficina de Sicília c. 350 a.c – 17,05 g (Acquaro ,1989 *apud* Kormikiari, 1999). Fonte: Kormikiari, 1999.

A caracterização das moedas representa e transmite simbolicamente seu poder guerreiro, onde a emblemática do cavalo é ilustrada para passar uma mensagem específica (ferocidade e rapidez, que foram atribuídos ao seu desenvolvimento nas guerras).

Em relação às inscrições feitas nas moedas em alguns aversos onde aparece a Deusa Coré, significam um tipo de ilustração com a legenda *'mmhnt'* (“o povo do campo”); o mesmo tipo descrito acima e com a mesma legenda *'mmhnt'* (“pertencente ao mesmo povo do campo”); e por vezes, novamente o mesmo tipo com letra púnica no lugar da legenda, as séries *'mmhnt'* serviram de exemplo para o povo cartaginês, em que sua história não poderia acabar naquele momento.

Conforme mencionado anteriormente, a inscrição significava muito para o povo cartaginês, onde o povo do campo era arduamente representado pelo seu próprio trabalho naquele momento. O trigo era um exemplo dessas representações e até mesmo enfeitando o cabelo das Deusas durante as cunhagens, além de frutos cultivados durante a época da colheita.

Deste modo, a importância da emissão dessas moedas no mundo político-militar não poderia ser deixado nas mãos de entidades cívicas de Cartago, mas sim, circular toda uma narrativa da cunhagem, para atravessar vários limites territoriais da história de uma cidade de poderio exorbitante (Figura 28).



Figura 28 - Tetradaracma de prata – Oficina de Sicília – c. 320-306 a.C. – 17,10 g (Acquaro ,1989 *apud* Kormikiari ,1999). Fonte: Kormikiari,1999.



Figura 29 - Tetradaracma de prata – Oficina de Sicília – c. 320-306 a.C – 17,10 g (Acquaro ,1989 *apud* Kormikiari, 1999). Fonte: Kormikiari,1999.

Ainda durante o primeiro confronto com os romanos, parece haver a evidência do empenho econômico determinado por Cartago com emissão em prata e eletro (Acquaro 1989 *apud* Kormikiari, 1999), batidos na oficina da capital africana. Novamente temos a cabeça de Coré como representação no anverso e o cavalo como imagem principal no reverso.

Nessas peças, o cavalo aparece sempre estático, mas com algumas diferenças entre as séries: olhando para trás do quadril e parado.

Em outra peça, o animal é representado parado em frente de uma palmeira e com uma figura emblemática de uma estrela em frente ao seu peitoral (Figura 30), em outro momento, o cavalo aparece estático e imponente em ponto fixo de parada (Figura 31).



Figura 30 - Didracma de prata – Oficina de Cartago – início do século III a.C – 7,57 g (Acquaro, 1989 *apud* Kormikiari, 1999). Fonte: Kormikiari,1999.

A imagem do Cavalo parado foi utilizada amplamente nas emissões púnicas de uma ilha vizinha de Cartago, a Sardenha (situada no centro do Mediterrâneo ocidental, a meio caminho entre as penínsulas Itálica e Ibérica, ao sul da Córsega e do estreito de Bonifacio, ao

norte do canal da Sardenha e da Tunísia, a oeste da Itália continental e Mar Tirreno, a leste das ilhas Baleares (Espanha) e do Mar da Sardenha), iniciando essa emissão e avançando desde o início da III guerra púnica.



Figura 31 - Eletro – Oficina de Cartago – c. 310-290 a.C – 7,45 g (Acquaro 1989 *apud* Kormikiari, 1999). Fonte: Kormikiari, 1999.

Continuando a sua produção monetária e apesar de ter perdido a II Guerra Púnica e o território Siciliota, Cartago ainda emite em sua oficina no final do século II a.C, peças em bronze, ouro e eletro, repetindo a imagística até aqui apresentada. No anverso, temos a cabeça da Deusa Coré e, no reverso: cavalo parado, acima, um disco mostrando um crescente solar com Uraeus - cobra (protetores das divindades egípcias, disco solar com longos raios) e um cavalo parado; cavalo dando passo, olhando para trás (Acquaro, 1989 *apud* Kormikiari, 1999) (Figuras 32 e 33).



Figura 32 - I estáter e meio de ouro – Oficina de Cartago/ 260 a.C – 12,48 g (Jenkins 1972 *apud* Kormikiari 1999) . Fonte: Kormikiari, 1999.



Figura 33- Estáter de eletro – Oficina de Cartago/ 270- a.C ,260-240 a.C, – 10,88 g , Jenkins 1972. Fonte: Kormikiari,1999.

Em certos períodos, uma variedade de símbolos solares era emitida e entraram na composição iconográfica da cidade púnica com intuito de iluminação durante as batalhas travadas em muitos territórios do Mediterrâneo, glorificando caminhos para a vitória.

De acordo com Bayet, 1941 *apud* Kormikiari, 1999, em seu artigo “L’Omen Du Cheval”, o autor procura demonstrar o inverso, ou seja, os relatos greco-latinos teriam se inspirado na imagística monetária púnica para incluir na descrição a lenda sobre a cabeça de cavalo significando força guerreira e não apenas para custear ações militares.

Ainda se aventurou outras hipóteses sobre o simbolismo do cavalo nas moedas de Cartago, em que o animal teria sido escolhido para representar esta cidade africana perante o contato que os povos tiveram com outras populações em seu dorso, com relação de transmissão de ideais fazendo com que as cunhagens tornassem-se mais imponentes. Assim como as moedas são símbolos representativos de histórias, todos poderiam conhecer um pouco sobre Cartago, bem como, o que foi travado no local durante alguns séculos de narrativas com o animal inserido nesse contexto.

Novamente o animal é discutido em mais uma temática, provando assim, que ele apresenta uma carga de discussões profundas e que poderá ser tratado mais detalhadamente em pesquisas futuras. Outro parâmetro de discussão a ser acrescentado poderia ser relacionado ao contexto religioso, pela representação de divindades na iconografia monetária de Cartago. O cavalo, igualmente associado a essas divindades, teria um caráter de força, rapidez e ardor nos combates (Cheyne & Sutherland, 1901 *apud* Bayet, 1941).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste trabalho foi apresentar através de uma iconografia imagética a importância da representação do cavalo nas moedas com poder simbólico em uma perspectiva arqueológica. Cartago foi uma cidade onde imperou ambientes de vários séculos construídos de histórias e batalhas, erguida e destruída, mas que ainda permanece sendo objeto de investigação pelo sinônimo de fortaleza.

No caso das disposições das moedas e suas representações iconográficas, as formas como os equídeos são relacionados juntamente com Deusas demonstraram que esses animais estabeleciam perante a história da cidade de Cartago um forte simbolismo de significado e poder, fazendo deste animal um representante fiel para aquele povo guerreiro e para aquela cidadela rodeada de muralhas, onde se tornou devido a sua exuberância, patrimônio Mundial pela UNESCO em 1991.

Contudo, quando se recorre à cultura material apresentada na pesquisa, a materialidade fala sobre um contexto bastante presente no cotidiano da sociedade de Cartago na época. A cidade proporcionava um quadro no qual a ruralidade também estava sendo representada, as moedas apresentavam cunhagem com palmeiras e frutos, além do trigo, importante elemento da agricultura. Os frutos colhidos estavam enfeitando o cabelo das Deusas e servindo de cenário para os cavalos.

A maneira como os animais são atribuídos em vários momentos, desde Deusas a moedas cunhadas com motivos, igualmente da flora, dizem muito sobre “o povo do campo”, que é descrito em vários períodos da narrativa literária histórica. Mesmo assim, os cavalos são agraciados mais uma vez com outros signos emblemáticos (sol, lua) e que as relações baseiam-se na lógica do diálogo da cultura material com as formas socioculturais, permitindo

descrever e interpretar a vida cotidiana da cidade de Cartago, sendo contada através das moedas.

Através da descrição relatada no trabalho durante a pesquisa, observou-se que a cultura material encontrada no sítio Arqueológico de Cartago representou e deu suporte à apropriação e à significação do objeto. A materialidade (objeto) pode ser lida em vários contextos, desde o momento que é fabricado como no exemplo das moedas, até a sua circulação de cunho propagandístico.

A Arqueologia e a iconografia Zoológica estavam atreladas à materialidade arqueológica propriamente dita, e deram subsídio a uma visão social da cidade, em momentos específicos da historicidade, não foram apenas um registro curioso do cotidiano, mas poderiam fornecer vários contextos sobre as correlações sociológicas que se articulavam naquela época. Dessa forma, ambas andaram juntas para chegar a uma conclusão, em que as moedas “contaram” a história não somente das práticas cotidianas de um povo, mas do saber, e viver daquela sociedade.

As fontes escritas e iconográficas estabeleceram relações de contato entre o passado e o presente, onde o estudo sobre as representações dos cavalos nas moedas contribuíram para o envolvimento contido na história de Cartago, e fatores que levam a momentos de discussão sobre um tema expositivo, que discutiu aspectos imagéticos e sua relação com a sociedade existente durante aquele período de cunhagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACQUARO, *apud* KORMIKIARI *Monete Puniche nelle Collezioni Italiane*, parte I e II, Bollettino di Numismatica. Roma, 1989.

ALARCÃO, J.A. *Arqueologia como semiologia da cultura material*. Revista de Guimarães, n.105,1995.

AYMARD, A.; AUBOYERR, J. *Roma e seu Império*. Difusão Europeia do Livro, 1956.

BAYET, J. *L' Omen du cheval*. Revue des Études Latines, XIX: 166-167,1941.

BÍBLIA. Matheus. Português. *Novo Testamento*. Trad. de João Ferreira de Almeida. São Paulo, 2010.

CARLAN, C. U. ; FUNARI, P. P. A. *Moedas: a numismática e o estudo da história*. Editora, Anna Blume, 1ª edição, São Paulo, Julho de 2012.

CHEYNE, T.K.; SUTHERLAND, J, *apud* BAYET. *Encyclopaedia Biblica*, Part II, V. Cavalos. Londres, 1901.

CUNHA, M. A. *Cavalos um símbolo universal*. FBDC, Salvador, 2004.

FANTAR, M. *Carthage: archétypes et spécificité*. In: *Colloque International Sur L'Histoire et L'Arqueologie De L'Afrique Du Nord*. 4ª edição,Strasburg, 1990.

GALLAY, A. *l'Archéologie Demain*. Paris:Editions Pierre Belfond, 1986. 320p.

GARRAFFONI, R. S. *História das Guerras*. 3ª edição, São Paulo, Editora contexto, 2006.

HEGENBERG, I. *Citações e referências a documentos eletrônicos*. Bando de dados. Disponível na internet. <<http://www.revistafilosofia.com.br>>. Acesso em: 20 de Janeiro.2014.

HURST, H. *Excavations at Carthage*. The British Mission. The Circular Harbour, north side: The site and finds other than pottery. London: Oxford University Press,1994.

JENKINS,G.K.; LEWIS, R.B, *apud* KORMIKIARI. *Carthaginian Gold and Electrum Coins*. Edição n.2, Publicação especial da revista Suisse de Numismatique. Londres, 1963.

_____. *Coins of Punic Sicily*. Edição n.2. Publicação especial da Revista Suisse de Numismatique. Londres, 1974.

_____. *Ancient Greek Coins*. Revue Suisse de Numismatique. Londres, 1972.

KORMIKIARI. M. C. N. *O cavalo nas moedas púnicas: um ensaio de interpretações*. Revista do museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 1999.

LANCEL, S. *Carthage*. Librairie Arthème Fayard, Paris, 1992.

MANFREDI, L.I. *Le monete puniche in Italia*. Libreria dello Stato. Roma, 1991.

MOREL, J.P. Nouvelles données sur le commerce de Carthage punique ente VII et le Ile siècle avant J.-C. In : Colloque International Sur L'Histoire Et L' Arqueologie De L' Afrique Du Nord. *Carthage et son territoire dans l' Antiquité*, 4 édition, Strasburgo,1990.

MOSCATI, S. *Il Santuario dei bambini (Tofet)*. Libreria Dello Stato- Istituto Poligrafico e Zecca Dello Stato, Roma, 1992.

REVISTA ABRIL. Brasil, v.1, *Coleção: Divindades Gregas*, Trimestral, Editora Abril, 2004.

SILVA, J. G. R. *Cartago: Arqueologia e representações*. Publicação do Programa de Pós-Graduação em História PPG-HIS/UnB. n.13, Brasília, 2008.

TRIGGER, B. G. *História do Pensamento Arqueológico*. Editora, Odysseus, São Paulo, 2004.

WARMINGTON, B.H. *O período cartaginês*. História Geral da África. Editora, Ática/UNESCO, São Paulo, 1983.

_____. *O período Cartaginês*. História Geral da África. Ministério da Educação, 2ª edição, Brasília, 2010.

GLOSSÁRIO

A

Alada- Quem tem asas, ou em forma de asas.

Ânforas- Vaso ou jarás com duas asas, usadas para armazenamento de vinhos e azeites, capacidade antiga de armazenamento de 19 litros e 44 centilitros.

Arquitraves- Viga mestra que se assenta horizontalmente sobre os capitéis das colunas.

Arreios- Aparelhamento dos cavalos, adorno, enfeite.

Assiduidade- Frequência, constância, pontualidade no cumprimento de um dever.

B

Barricadas- Trincheiras formada de algum tipo de obstáculo, como o uso dos elefantes por exemplo.

Beligerência- Estado ou qualidade de beligerente (quem está em guerra).

C

Caduceu- Vara com duas serpentes enroscadas e com duas asas na extremidade superior.

Cisternas- Reservatório, abaixo do nível do solo, onde se conservam águas pluviais, poço.

Continuum- Espaço de quatro dimensões, localmente compacto.

Crina- Pelos do pescoço ou cauda do cavalo e de outros animais.

Cunhar- Imprimir cunho, amoeclar, inventar, criar, tornar saliente.

D

Didracma- Moeda de prata da usada na antiguidade, no valor de duas dracmas (unidade monetária usada na época, era a moeda mais antiga ainda em circulação até ser substituída pelo Euro).

E

Efígie- Imagem, figura.

Eletro- As primeiras moedas foram cunhadas de eletro (liga natural de ouro e prata).

Epigráfica- Estudo daquilo que compõe as inscrições antigas, em materiais duros como as pedras.

Equídeos- Relativo ou semelhante ao cavalo, família de mamíferos que tem por tipo, cavalo, asnos e zebras.

Estatér- Moeda de ouro ou prata, origem do termo grego *isthmi*, *istemi*, verbo que significa fixar e instituir, era o valor e moeda instituída e fixada no sistema monetário da Grécia.

Estuques- Massa branca ou policroma composta de cal, areia fina, pó de mármore e gesso, usada em vários tipos de ornatos relevados, em muros exteriores, interiores ou tetos.

H

Helenística- Designativo histórico que vai das conquistas de Alexandre à conquista romana.

I

Iconografia- Estudo dos assuntos representado nas obras de arte, de suas fontes e significados.

Imoladas- Sentido de matar, sacrifício.

Imponência- Beleza, grandiosidade.

M

Materialidade- Faz referência a cultura material.

Morticínio- Número expressivo de mortes, de pessoas e/ou animais.

N

Necrópoles- Palavra de origem grega que significa cidade dos mortos, ou seja, cemitério.

Numismática- Ciência que estuda moedas e medalhas.

P

Península- Porção de terra cercada de água por todos os lados, menos um por qual se liga ao continente.

Possantes- Significa o mesmo que ter poder.

Presidiava- Proteger, defender, custodiar.

Prótomo- Parte anterior, busto.

Púnico- A palavra é derivada da expressão latina punicus, que significa “os habitantes de Cartago”, referente aos Cartagineses (Guerras púnicas).

R

Remanescentes- Que sobeja ou resta.

S

Semita- Pertencente ao grupo étnico dos semitas, e linguístico dos que faziam parte os Judeus.

T

Tetradracma- Antiga moeda Grega que valia quatro dracmas.

Tofet- Lugares onde eram realizados sacrifícios humanos (principalmente crianças), com oferendas as divindades como Tanit, em hebraico “Tofet” significa lugar de queima. Além de serem estampados símbolos geométricos e símbolos de estrelas.

U

Uraeus- Símbolo Egípcio de uma serpente, que significava aquela que se ergue.

Z

Zoarqueologia- É a disciplina ligada a Arqueologia, que se dedica aos estudos dos vestígios faunísticos encontrados associados a sítios arqueológicos.

Zoológica- Referente aos animais.

ANEXO 1



Figura 33 - Busto da Deusa Tanit (Museu de Arqueologia de Barcelona- Ilha de Ibiza). Disponível na internet. < <http://es.wikipedia.org/wiki/Tanit.com.br>>. Acesso em: 12 de Janeiro. 2014.

ANEXO 2



Figura 34 - Representação de símbolos da Deusa Tanit em material duro. Fonte: Google Imagens. Acesso em: 17 de dezembro. 2013.

ANEXO 3



Figura 35- Símbolo de imagem representante da Deusa Tanit encontrado em material duro (pedra) durante escavações. Disponível em< http://pt.wikipedia.org/wiki/Civilização_cartaginesa >. Acesso em: 12 de Janeiro. 2014.